



**João Pupo Correia**  
Engenheiro de Telecomunicações, reside, actualmente, na Madeira. Nasceu em Fevereiro de 1959 em Gouveia, tendo vivido no Porto e em Coimbra. Em 1976, aventurou-se no mundo da Espeleologia com o CEG e o CIES. Estudou Engenharia Electrónica e Telecomunicações, na Universidade de Aveiro, entre 1977 e 1983, onde viria a ser o primeiro presidente do NEUA. Afirma que na altura não foi difícil recrutar voluntários, pois a comunidade académica estava repleta de ávidos aventureiros.

## aos fundadores do NEUA

No dia 21 de Março de 1980, há 30 anos, nascia, formalmente, o Núcleo de Espeleologia da Associação Académica da Universidade de Aveiro. Fruto do empenho de um grupo de pessoas, o NEUA nunca mais parou. Recordamos hoje os fundadores do NEUA e os primeiros tempos de vida deste núcleo, contados, aqui, na primeira pessoa. João Pupo e Fausto Carvalho falam das peripécias das primeiras explorações, das dificuldades dos primórdios do NEUA e do reconhecimento científico do trabalho do núcleo, revelando, também, as suas expectativas para o futuro.

### NEUA: Como nasceu o NEUA?

**João Pupo:** Fui estudar para a Universidade de Aveiro!

Estava completamente viciado por uma actividade apaixonante.

Até 1980 corria para Coimbra, para os fins-de-semana de Espeleo com o CIES, mas queria também envolver os colegas e os novos amigos de Aveiro... No CIES levávamos pelo País – talvez já há três anos – uma exposição fotográfica itinerante sobre a espeleologia que praticávamos. Tínhamos ganho alguma experiência (já apreciável) nos cursos que essa acção nos levou a realizar e através da nossa iniciativa, iam-se criando grupos de entusiastas no Algarve, em Leiria e em Pombal.

Era altura de aproveitar a minha estadia em Aveiro e, com a ajuda dos meus comparsas do CIES, lá colocámos a exposição no átrio do pavilhão.

### NEUA: Qual era o interesse da comunidade académica em relação às iniciativas do NEUA?

**JP:** A adesão foi acima do que eu esperava.

Ao princípio, foi, principalmente, da parte de pessoas do curso de Electrónica, motivados, talvez, pela influência do meu entusiasmo.

Mas, em pouco tempo, fomos envolvendo o [curso de] Ambiente, a Biologia [curso de] e até as Matemáticas [cursos de].

Nunca mais me esqueço do pessoal universitário todo a olhar para cima, a ver a descida em *rapel* na parede do bloco novo da Electrónica. Fizemos isso, entre outras maluqueiras, para chamar a atenção para a existência do Núcleo de Espeleologia. E resultou! Também criámos o *EspeleoDivulgação*... Há muito tempo que não havia publicações regulares [na área] em Portugal.

### NEUA: Como faziam as explorações (transportes, alojamento...)?

**JP:** Metade do tempo das saídas era gasto no transporte de autocarro (tipicamente Redinha ou Portunhos), seguindo-se longas caminhadas a pé (a partir de certa altura no carro do Fausto para o Almonda...).

E, claro, ficávamos alojados em tendas, até aluarmos a casa de Jagardo.

### NEUA: Que áreas exploravam?

**JP:** Explorávamos, principalmente, Redinha, Jagardo e Ereiras. Ao princípio, explorávamos tudo o que estava à volta da Serra de Sicó e nas pedreiras de Portunhos. Após sermos contratados pela Câmara Municipal de Alvaiázere, resultando daí o lançamento do primeiro número do *EspeleoDivulgação*, começámos a olhar para outras “paragens”.

A mira apontou para mais longe com o aparecimento do mergulho subterrâneo no NEUA, trazido pelo Jota... Então, seguiu-se a Serra de Mira D’Aire e explorações mais avantajadas na Gruta da Nascente do Almonda, etc.

### NEUA: Quais as principais diferenças dos equipamentos utilizados nos primórdios do NEUA em relação aos que utilizam actualmente?

**JP:** As escadas, ao princípio eram feitas por nós. Os capacetes também eram muito especiais: com frontais improvisados e tubos de alumínio, dobrados ao calor, e rosca feita à mão, para introduzir os bicos do gasómetro... Mas lá iam respondendo às diversas cabeçadas!

Escadas *Pierre Allan*, ao princípio, só as víamos nos livros! Nós, com tubos de duralumínio, lá as tentávamos imitar. Quanto aos cabos, eram comprados na loja de ferragens mais próxima, e não eram propriamente os mais estáticos...

Na primeira oportunidade, demos um salto a Vigo e comprámos algum material para o NEUA.



Aos poucos, o equipamento mais adequado lá foi aparecendo.

### NEUA: Há alguma história curiosa, de entre as múltiplas que terão acontecido no NEUA, que queira partilhar connosco?

**JP:** Alvaiázere, 1981.

A prospecção na serra levava-nos a um buraco estreito. As pedras que para lá atirávamos pareciam rolar na vertical, por um algar promissor. Felizmente íamos prevenidos de explosivos e toca de fazer fogo e barulho. Mas não foi assim tão simples... As pedras subiam no ar e aquilo durou, durou, e as explosões sucediam-se. Ao fim de muitas horas lá abrimos um buraco com uma dimensão razoável. Montámos um *spit* e entrei em primeiro lugar, mas não desci muito... A gruta, além de pequena, era quase horizontal.

### NEUA: O que deseja para o futuro do NEUA?

**JP:** Para mim, ter participado na festa dos 25 anos do NEUA já teve um significado muito especial.

A única frustração até agora foi ver interrompida a periodicidade da publicação do *EspeleoDivulgação*. Desejo, por isso, que a actividade continue no NEUA com entusiasmo, sucessivamente adaptada ao seu tempo e memorizada nos registos mais apropriados, seja no *EspeleoDivulgação* ou em outros suportes. Desejo ainda o NEUA continue a ser, dentro da Universidade de Aveiro, uma actividade íntegra, científica, desportiva e formadora... Que motive o espírito de equipa e a amizade, como a que eu mantenho com um grupo de pessoas que, na década de 80, me acompanharam no NEUA e no CIES e que, ainda hoje, constituem o meu grupo mais chegado de amigos.

### NEUA: Muito obrigado. Lembra-se de alguma pergunta bonita que o NEUA se tenha esquecido de lhe fazer?

**JP:** A pergunta que falta faço-a eu. A festa dos 30 anos já está marcada?



**Fausto de Carvalho** nasceu em Outubro de 1959 e estudou Engenharia Electrónica e Telecomunicações, na Universidade de Aveiro de 1977 a 1982. Actualmente, é investigador sénior na PT Inovação, especialista em Tecnologias *Web* e Multimédia Interactiva. Iniciou-se na prática da Espeleologia no ano de 1981, nos primórdios do NEUA, do qual foi um dos grandes impulsionadores. Fez parte da Direcção do NEUA entre 1984 e 1986. Participou na exploração, desobstrução e realização de levantamentos topográficos em muitas dezenas de cavidades nos maciços de Sicó, Alvaiázere, Cantanhede, Penacova, Buarcos e Serra d’Aire, principalmente durante a década de 80. A sua actividade foi sempre polarizada pela aplicação de novas tecnologias à Espeleologia, com destaque para a realização do software *TOPOG* (aplicação para topografia espeleológica no sistema Nova/4, 1983) e do *SLOTER* (sistema de localização topográfica por emissão/recepção VLF, 1989). Teve um papel destacado no aparecimento da revista *EspeleoDivulgação*, contribuindo, activamente, como autor e co-editor nos cinco primeiros números, publicados, anualmente, entre 1982 e 1986. Participou também de forma bastante activa nos encontros pre-

**NEUA: Como começou a *EspeleoDivulgação*?**  
**Fausto Carvalho:** Tudo começou com a prospecção, exploração e inventariação das grutas do concelho de Alvaiázere, o primeiro grande trabalho do NEUA, que efectuámos para a Câmara Municipal de Alvaiázere, durante as férias dos Verões de 1981

paratórios para a criação da Federação Portuguesa de Espeleologia, em Sintra, Aveiro, Mira d’Aire e Torres Vedras.

Principais trabalhos e publicações em Espeleologia:

- *Inventário espeleológico do concelho de Alvaiázere*, Câmara Municipal de Alvaiázere (1982) (com NEUA)
- Concepção e desenvolvimento do programa *TOPOG* – Topografia Espeleológica Assistida por Computador (1983)
- «Interruptor inteligente para frontal», in *EspeleoDivulgação*, n.º 2 (1983)
- «Topografia – Tutorial incluindo o programa “POLG” em BASIC e para calculadora Casio FX-602P», in *EspeleoDivulgação* n.º 3 (1984)
- «Inventário das cavidades de Alvaiázere, Cantanhede e Sicó», in *Grottes et Algares du Portugal* (1985) [com NEUA, CIES e SAGA]
- «A utilização de computadores em Espeleologia», 1.º Congresso Nacional da Federação Portuguesa de Espeleologia, Porto de Mós (1988)
- *SLOTER* – Sistema para Localização Topográfica por Emissão/Recepção VLF (1989) [com Luís Cupido]
- «O sistema *SLOTER* e sua utilização na Gruta da Nascente do Almonda», *Cadernos Espeleológicos do CIES*, n.º 1 (1989) [com Francisco Alte da Veiga]
- «*SLOTER* – Breve historial da sua utilização ao serviço da espeleologia, arqueologia e mergulho subterrâneo», *Jornadas Científicas de Espeleologia*, Leiria (2008) [com Manuel Soares]

e 1982, a troco de alojamento, logística e algum financiamento para o carbureto. Ao olharmos para o inventário espeleológico produzido após o trabalho, percebemos que era necessário alargar a audiência, dar a conhecer, publicar, como forma de dinamizar e dar sustentabilidade à actividade do núcleo. Me-

temos mãos à obra, negociámos apoios internos na Universidade de Aveiro, nomeadamente nos Serviços Técnicos, e nasceu a revista, cujo nome acabou por reflectir, precisamente, essa atitude que nos guiava: divulgar a Espeleologia.

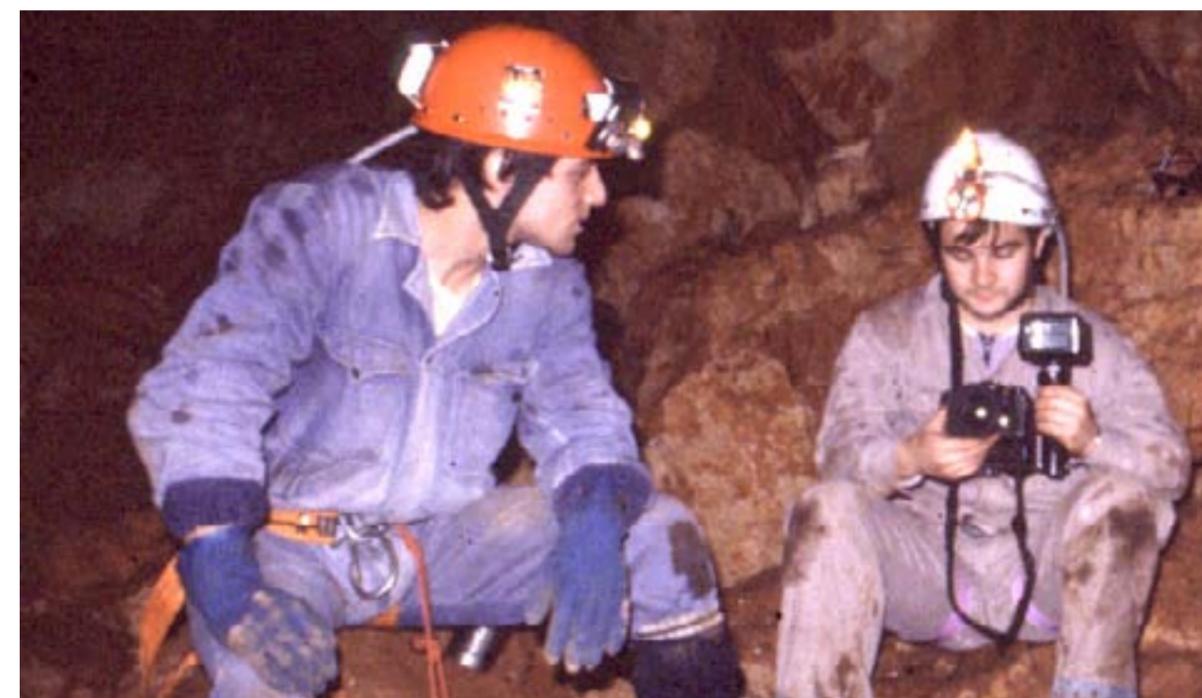
**NEUA: Qual o impacto da revista na época?**

**FC:** A consequência mais imediata do *EspeleoDivulgação* foi, claramente, a adesão de dezenas de entusiastas à Espeleologia. Durante vários anos não houve falta de gente para fazer prospecção, exploração, levantamentos topográficos. As temáticas científicas começaram a ser abordadas de forma mais cuidada e sistemática, principalmente por estudantes e licenciados em Biologia e Engenharia do Ambiente, que vieram dar outra abrangência às competências do NEUA, inicialmente baseadas sobretudo em elementos da área de Electrónica e Telecomunicações. Numa segunda fase, começou a assistir-se a uma dinâmica ao nível da interacção com outros grupos, tanto em termos de trabalhos de campo como ao nível da publicação de resultados com o aparecimento de outras revistas. Hoje, já se pode afirmar, descomplexadamente, que o *EspeleoDivulgação* foi determinante enquanto catalisador da renovação da Espeleologia nacional, da sua afirmação no contexto

internacional e do aparecimento da Federação Portuguesa de Espeleologia.

**NEUA: Quais as principais dificuldades na edição de uma revista de divulgação espeleológica?**

**FC:** Na altura, a única não-dificuldade era a existência de um conjunto de pessoas motivadas para ir para o campo ou para o laboratório arranjar material digno de ser publicado. Nessa altura, também não nos sentíamos demasiado incomodados com as questões de orçamento: anualmente negociávamos a publicação com os Serviços Técnicos da UA, que nos asseguravam a impressão e respectivos materiais. Naturalmente tínhamos de aceitar o que nos era facultado, o que levava a que, por vezes, os resultados ficassem aquém do desejado. Fora isso, enfim... Era o caos! Meses e meses a dactilografar, decalcar, agrafar, cortar, colar, com tesoura e cola (mesmo!), porque ainda não havia esta coisa dos *Words* e *Photoshops* e tal... A primeira experiência de edição electrónica foi com o n.º 3 e deixou-nos de tal forma insatisfeitos que regressámos, no n.º 4, à clássica máquina de escrever, escantilhões e decalques! É pena ter-se perdido esse material, porque seria agora um documento histórico interessantíssimo.



**NEUA: Há sempre uma certa relutância na publicação de informações sobre o património espeleológico inacessível à maior parte das pessoas. O que pensa sobre a divulgação pública dos trabalhos espeleológicos?**

**FC:** Ao nível do processo de divulgação, dentro da própria comunidade científica, essa relutância é algo que não faz qualquer sentido, assim como também estranho se existirem dificuldades de partilha no seio do meio espeleológico. Sou, todavia, sensível à argumentação em torno da divulgação generalizada de informações que potencialmente podem chamar às grutas pessoas sem preparação para as visitarem, tanto no que respeita à sua segurança pessoal quanto à salvaguarda dos locais em termos ecológicos e patrimoniais. Por este ponto de vista, concordo que haja alguma contenção na divulgação para o grande público, apesar de saber que dela depende a sensibilização e conquista de novos adeptos, novos praticantes, novos investigadores e novos financiamentos.

**NEUA: Sente que a publicação da revista deu maior visibilidade ao NEUA, quer a nível nacional, quer além fronteiras?**

**FC:** Hoje em dia o NEUA é uma entidade reconhecida e respeitada dentro e fora de Portugal. Estou em crer que já nem sequer existiria se não fosse o *EspeleoDivulgação* a imprimir-lhe toda aquela dinâmica inicial!

**NEUA: Como era a divulgação da Espeleologia antes da Internet? Era feita apenas através das revistas ou havia outras formas de chegar ao público especializado e à comunidade em geral?**

**FC:** Havia os catálogos do *Au Vieux Campeur*, através dos quais escolhíamos o equipamento, que depois cravávamos a alguém para nos comprar em Paris, a preços de trocar os olhos! Recordo-me, também, de um par de livros e das revistas, poucas. Apareciam, esporadicamente, artigos científicos em conferências, por exemplo, de Arqueologia, Geologia e Biologia. E havia, de onde a onde, a televisão: séries como *O Mar e a Terra*, em que o António Hipólito mostrou

imagens fantásticas de algumas das nossas grutas. E, claro, havia as pessoas, os espeleólogos. Sempre eles! No dia-a-dia, no contacto com as populações e, também, através de eventos especiais, como, por exemplo, a sessão de divulgação e sensibilização para os perigos da contaminação dos lençóis de água subterrâneos (feita em 1984, na capela de Ereiras) ou a sessão de apresentação do património espeleológico do concelho à população, como fizemos na Redinha, em 1985. Hoje em dia as coisas mudaram bastante. Os *media*, e em particular os que são especializados em temas científicos, olham com renovado interesse para as áreas menos exploradas do planeta, mostrando imagens que nos deixam, literalmente, colados às páginas das revistas, aos ecrãs de TV ou, mais frequentemente ainda, perdidos nas profundezas da Internet...

**NEUA: Acha que a *EspeleoDivulgação* contribui para a protecção do meio cavernícola?**

**FC:** Uma publicação séria e cuidada como é o *EspeleoDivulgação* tem tudo para continuar a contribuir, tal como o fez no passado, para a protecção do meio cavernícola! Quanto mais não seja pelo simples facto de o dar a conhecer, num formato sustentado do ponto de vista técnico e científico.

**NEUA: O que deseja para o futuro da *EspeleoDivulgação*?**

**FC:** O meu desejo continua a ser o mesmo, desde que se começou a pensar o primeiro número: que seja um instrumento de coesão e sustentabilidade do NEUA e que contribua, substantivamente, para a dinamização do meio espeleológico nacional, de preferência através da publicação regular de novas edições.

**NEUA: Muito obrigado. Lembra-se de alguma pergunta bonita que o NEUA se tenha esquecido de lhe fazer?**

**FC:** Ora esta... Bonita pergunta... Importam-se de ma voltarem a fazer quando o NEUA se estiver a preparar para celebrar o seu cinquentenário, lá para o *EspeleoDivulgação* n.º 25? Obrigado! ■